

# Quando os Crentes Pensam

Richard Rice

**E**nsinando cursos universitários em religião, encontrei meus maiores desafios vindos de dois tipos opostos de estudantes.

Alguns estudantes sentem que suas convicções religiosas são verdades tão evidentes que elas não necessitam de nenhuma verificação. Outros insistem que a religião é tão obviamente errada que não merece nenhuma consideração séria.

Há muitos anos encontrei dois estudantes que simbolizam estas atitudes opostas. "Dan" era alto, escuro, estudante de teologia, o qual odiava cada classe que tomava comigo, e o programa, infelizmente, requeria que ele tomasse várias delas. Ele não gostava de pensar seriamente acerca de religião, e seu desdém pelo processo era óbvio. Ele assentava-se no meio da sala, com um olhar de calculado enfado em sua face. Ele nunca tomou nenhuma anotação, nunca fez nenhuma pergunta, nunca falava, exceto para queixar-se que idéias teológicas não eram senão jogos mentais usados por pessoas mal orientadas.

"Dave" apresentava igual desencanto pelos cursos que tomava comigo, mas por uma razão inteiramente diversa. Convencido de que a religião não tinha nada que a recomendasse a pessoas que pensam, ele abertamente ridicularizava qualquer um que cresse nestas coisas. Ele acusava as pessoas que, como eu, defendiam a religião, de racionalizarem uma causa perdida, porque eles eram ou indispostos a pensar ou temerosos de deixar outras pessoas saberem o que eles realmente criam.

Como estes extremos demonstram, a relação entre fé e razão deve ser definida com grande cuidado. Em resposta tanto aos Dans como aos Daves em minhas classes, eu sempre apresentava a religião como

algo que tanto necessita como merece cuidadosa investigação. Eu argumentava que fé e razão estão mais próximas do que muitas pessoas pensam, embora haja importantes diferenças entre elas. Em outras palavras, eu apelava aos crentes a pensar, e encorajava os pensadores a crer.

## Reconciliando Fé e Razão

A relação entre fé e razão é uma das mais antigas preocupações do cristianismo, e é uma questão que recusa abandonar-nos. Por séculos os cristãos geralmente validaram a importância da fé e questionaram o valor da razão. No mundo moderno, contudo, a situação é inversa. Há cerca de duzentos anos atrás, aconteceu uma extraordinária mudança no pensamento ocidental, e a responsabilidade de prova mudou para o outro lado. Como um dos personagens de Tom Stoppard enfatiza, "Há provavelmente um calendário — um momento — quando o ônus da prova passa do ateu para o crente."<sup>1</sup> Hoje a maioria das pessoas educadas simplesmente assume o valor da razão, enquanto que a posição da fé é problemática. Eles convocam a fé para responder por si diante do tribunal da razão, não o inverso. A força deste desafio tipicamente coloca os crentes na defensiva. Conseqüentemente, muitos cristãos consideram o pensamento sério uma ameaça à fé, e eles procuram formas de evitá-lo.

O momento é chegado para abandonarmos a postura defensiva e fazermos uma nova análise do relacionamento entre fé e razão. O fato é que a razão não é necessariamente uma ameaça à fé, mas um extraordinário apoio a ela. De fato, uma vez que a fé já está presente, o pensamento cuidadoso pode forta-

lecer o compromisso religioso. Por outro lado, ele pode abrir um caminho mais amplo à fé, ajudando a preparar as pessoas para o compromisso religioso. Examinemos estas duas contribuições.

De acordo com a Bíblia, o pensamento cuidadoso desempenha um papel central na experiência religiosa. Muitas passagens descrevem o crescimento no conhecimento como um importante elemento na vida cristã. A segunda carta de Pedro, por exemplo, exorta seus leitores a fazerem todo o esforço para suplementarem a "fé com virtude, e virtude com conhecimento, e conhecimento com autocontrole, e autocontrole com perseverança, e perseverança com santidade, e santidade com afeição fraternal, e afeição fraternal com amor."<sup>2</sup> O livro de Atos elogia os judeus de Berea, "porque eles receberam a palavra com todo zelo, examinando as Escrituras diariamente para ver se as coisas eram assim."<sup>3</sup>

Na epístola aos Filipenses, Paulo ora para que seus leitores "abundem mais e mais no conhecimento e em todo discernimento."<sup>4</sup> A carta aos Colossenses contém oração semelhante, que seus leitores sejam "cheios do conhecimento da vontade de Deus em toda sabedoria espiritual e discernimento... frutificando em toda boa obra e crescendo no conhecimento de Deus."<sup>5</sup>

A Bíblia também censura os cristãos por falta de crescimento intelectual. A carta aos Hebreus, por exemplo, deplora a falha dos seus leitores em avançar além da compreensão rudimentar da Palavra de Deus e admoesta que eles avancem em direção à maturidade.<sup>6</sup> De maneira semelhante, Paulo chama os cristãos em Corinto de "meninos em Cristo," porque eles ainda estão na carne e portanto, despreparados

para o alimento sólido.<sup>7</sup>

O Novo Testamento também descreve o papel do entendimento na vida cristã. Ele conduz a uma vida de atividade frutífera. Contribui para a elevação geral da comunidade cristã. E mais importante, ele fortalece a fé. Cuidadosa reflexão aumenta a compreensão, aprofunda o compromisso religioso. Colossenses 2:2 estabelece uma relação entre as noções de conhecimento, compreensão e convicção, com a esperança de que os cristãos "virão à plena riqueza de convicção a qual o conhecimento traz."

Ellen G. White apela aos cristãos que examinem sua crença cuidadosamente para que aprofundem a confiança espiritual e estejam a altura da oposição e da crítica. De fato, ela diz que esta é a única forma de manter-se em compasso com o avanço da verdade. "Não devemos pensar," diz ela, "Bem, nós já temos toda a verdade, entendemos os principais pilares de nossa fé, e podemos descansar neste conhecimento." A verdade é progressiva, e nós devemos caminhar na luz na medida que ela aumenta.<sup>8</sup> Ela chega mesmo a falar que o Céu é como uma escola, onde a educação continuará por toda a eternidade, uma vez que "continuamente surgirão novas verdades para serem compreendidas."<sup>9</sup>

### Enfrentando a Dúvida

Além de ajudar-nos a entender o que cremos, raciocinar cuidadosamente pode também ajudar-nos a responder as questões ou dúvidas acerca de nossas convicções religiosas. Em geral, a vereda da fé não é plana, ou de crescimento ininterrupto e confiança. Há montes e vales em cada experiência religiosa. Cedo ou tarde, todos nós nos defrontamos com provas e obstáculos que testam nossa confiança em Deus. Quando isto acontece, a razão pode ajudar-nos. Encontrar respostas para questões difíceis acerca da fé pode grandemente fortalecer nossa confiança. De fato, muitas pessoas crêem que dissipar dúvidas é a mais importan-

te contribuição que a razão pode prestar à experiência religiosa.<sup>10</sup>

Além de aumentar nosso compromisso e contribuir para vitória sobre a dúvida, a razão também afeta a maneira como vemos aquilo que cremos. Sob cuidadoso exame, a importância atribuída a certas crenças pode aumentar ou diminuir. Crenças que uma vez colocamos no centro de nossa fé podem se deslocar para a periferia, e crenças que a princípio pensamos fossem secundárias, podem assumir importância primordial. O escrutínio racional também pode afetar a relativa confiança que temos em certas crenças. As pessoas ocasionalmente descobrem que algumas das idéias mantidas por longo tempo não são bem fundamentadas, como a princípio se pensou. E algumas vezes descobrem que a evidência para apoiar certas idéias é mais impressiva que inicialmente pareceu.

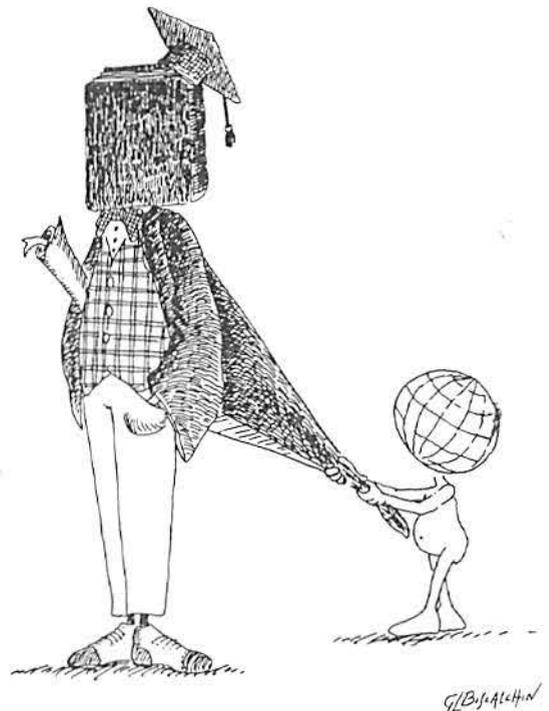
Cuidadosa reflexão frequentemente revela que os argumentos tradicionais para justificar nossas crenças são inadequados. Mas ela também pode conduzir-nos à descoberta de outros argumentos que podem prover uma base muito mais sólida. Finalmente, quando os cristãos pensam cuidadosamente, eles algumas vezes descobrem que a inteira dimensão das crenças torna-se menos importante dentro do conjunto da vida religiosa. Depois de examinar suas crenças, as pessoas podem descobrir que relacionamentos pessoais, o partilhar da vida da comunidade religiosa, são aspectos mais importantes para eles do que específicas doutrinas que eles mantêm.

Como estas variações nos efeitos da busca racional indicam, há sempre um risco em se pensar seriamente acerca da fé. Você nunca pode garantir o resultado. O pen-

samento cuidadoso pode desenvolver respostas para determinadas questões, descobrir evidências adicionais para apoiar as crenças, aumentar a compreensão e aprofundar o compromisso. Mas a mesma atividade pode também expor argumentos inadequados, suscitar questões, introduzir dúvidas e enfraquecer a confiança.

Em vista dos riscos potenciais, algumas pessoas sentem que os benefícios da busca racional não compensam os perigos e recusam fazer perguntas acerca de suas crenças. A longo prazo, contudo, esta medida está destinada ao fracasso. Cedo ou tarde, a verdade vem à tona e questões difíceis surgirão. E se estas questões emergem depois da tentativa de se sufocar o processo de busca, a ameaça à fé pode ser enorme. As pessoas que finalmente começam fazendo perguntas, frequentemente suspeitam que aqueles que os desencorajam disto, o fazem na deliberada tentativa de esconder alguma coisa. Portanto, não importa quais sejam os riscos em submeter nossas crenças à pesquisa séria, os riscos em se recusar fazer isto são ainda maiores.

Além do fato de que tal medida



não funciona — não a longo prazo — há ainda uma razão mais fundamental para se rejeitar uma estratégia protetiva em questões de fé. Recusar examinar nossas crenças é incompatível com a inerente confiança da fé. A fé envolve a convicção de que você pode arriscar sua vida no objeto de sua confiança. Crentes amadurecidos nem sempre sentem a especial necessidade de oferecer argumentos intelectuais para sua fé. Mas eles nunca são relutantes em examinar suas crenças quando a situação o exige, então nunca desanimam outros de as pesquisarem. As pessoas que recusam refletir sobre suas convicções religiosas e que são incapazes ou não desejam oferecer qualquer razão para elas, dão a impressão de que eles ou não são claros naquilo que crêem ou então a confiança que professam ter no que dizem crer, realmente não existe.

Embora a busca de evidência para apoiar as convicções religiosas normalmente aconteça onde o compromisso religioso já existe, o pensamento cuidadoso algumas vezes prepara o caminho para o compromisso religioso. Considere as melhores tentativas para prover suporte racional para a religião, por exemplo, os argumentos clássicos para provar a realidade de Deus. Eles apontam para a existência de um Ser supremo o qual poderia, se quisesse fazê-lo, estabelecer relacionamento pessoal conosco. Os resultados desta busca são mínimos, comparados com uma completa doutrina acerca de Deus, mas eles podem preparar o caminho para o compromisso religioso consciente. Demonstrando que a experiência humana geral contém evidências de que Deus existe, estes argumentos refutam a familiar objeção de que a religião não é senão um preconceito privado ou uma intuição pessoal. Assim, removendo alguns dos obstáculos que impedem as pessoas de respeitarem a religião, a razão pode estabelecer a fé como uma opção para pessoas que pensam.

Importante como seja a contribuição da razão à fé, seria um sério

engano superestimá-la. O raciocínio cuidadoso pode assistir a fé em importantes maneiras, mas a fé não é nunca um produto do pensamento racional. A lógica sozinha não pode conduzir uma pessoa ao longo de todo o caminho, da descrença a um ponto onde a confiança em Deus é o único resultado possível.

### Os Limites da Razão

Muitos fatores limitam o papel que a razão desempenha na fé, dos mais importantes são os fatos da experiência. As origens da fé são notoriamente obscuras. As pessoas virtualmente nunca chegam à fé através de um processo direto de investigação racional e é duvidoso que argumentos filosóficos tenham jamais convertido alguém.<sup>11</sup> Ao contrário de evidência lógica, os fatores que conduzem à fé são grandemente não-rationais em caráter. Eles são freqüentemente vagas impressões, a sutil influência de outras pessoas, ou emoções especiais que certas experiências despertam.

Estas observações concordam com a descrição bíblica da conversão. Jesus compara o novo nascimento ao vento, cuja origem e destino são imperceptíveis. "O vento sopra onde quer, e ouvis sua voz, mas não sabeis de onde vem ou para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito."<sup>12</sup> Se a conversão acontecesse através de um processo de investigação racional, seríamos capazes de prover uma descrição clara e sistemática de sua chegada. Mas nunca podemos fazer isto. Podemos fazer um mapa geral do curso de desenvolvimento da fé e observar as características que ela demonstra em diferentes situações e estágios da vida, mas o ponto em que a fé emerge é inescrutável, tem sempre um elemento de mistério.

Algo que adicionalmente define o papel da razão na fé é o fato que a qualidade da fé, a profundidade do compromisso religioso pessoal não é diretamente proporcional à habilidade intelectual. Vasto conhecimento não garante um forte com-

promisso religioso. De fato, o oposto é freqüentemente verdade. As pessoas podem se tornar menos interessadas em questões religiosas na medida em que elas se tornam mais educadas. Com freqüência fazemos referência à "fé simples" das crianças, como um importante exemplo de devoção religiosa, e a confiança infantil imperturbável.

Paralelo aos fatos da experiência mencionados, a própria natureza da fé limita a contribuição que a razão pode dar. A fé pressupõe liberdade pessoal, e liberdade requer genuínas alternativas. Se a confiança em Deus fosse a única posição disponível, se a razão não permitisse outra possibilidade, então fé não seria senão mera admissão do óbvio. Ela não seria uma livre resposta ao amor redentor de Deus. Além do mais, ela seria também uma contradição ao dom da salvação. Se a razão humana pudesse produzir fé, então a fé representaria um realização humana, um tipo de obra intelectual de justiça, não uma resposta à graça divina.

A noção de que a razão pode produzir compromisso religioso também entra em conflito com o grau de confiança, característica da fé genuína. A fé envolve completa confiança. Ela representa uma certeza de que o seu objeto é totalmente confiável. Em contraste, a investigação racional nunca alcança mais que um alto grau de probabilidade, pelo menos em questões de significado pessoal. Assim, a inferência racional não pode produzir a confiante certeza da fé. Esta é a razão pela qual pensamos que a fé vai além das evidências disponíveis. Ela afirma a confiança mais que a razão em si mesma jamais poderia provar.

O fato de que a razão não produz fé tem importante consequência para a experiência religiosa pessoal. Uma vez que os resultados de tal investigação não são completamente conclusivos, há sempre espaço para a dúvida. Nunca alcançamos um estágio onde podemos estar tão seguros em nossas convicções que estejamos além da possibilida-

de de perdê-las, tão próximos de Deus que não poderíamos nos desviar. Assim como cada desenvolvimento em nossa experiência traz novas evidências que sustentam nossa confiança em Deus, cada fase da vida representa novos desafios à nossa confiança nEle.

Os mais extraordinários exemplos bíblicos de fé enfrentaram os maiores testes como crentes amadurecidos. Jó e Abraão tiveram a fé severamente provada depois de estarem perto de Deus por muitos anos. Isto apóia a noção frequentemente defendida por teólogos cristãos existencialistas. A fé nunca é uma realização permanente. Ela não é algo que adquirimos uma vez para sempre, mas algo que devemos afirmar diariamente nas experiências concretas da vida.

A idéia central é que a razão contribui para a fé de maneiras importantes mas também limitadas. Demonstrando que a fé é inte-

lectualmente responsável, a razão pode preparar o caminho para a fé e pode fortalecê-la uma vez que ela esteja presente. Assim, seria um grave engano desconsiderar o que a razão tem a dizer na área da religião. Ao mesmo tempo, seria igualmente enganoso exagerar a importância da razão para a fé. Os crentes têm a valiosa oportunidade e a solene responsabilidade de pensar. Mas haverá sempre mais a respeito da fé que o ato de pensar pode realizar.

#### NOTAS

1. Tom Stoppard, *Jumpers* (New York: Grove Press, Inc., 1972), pág. 25.
2. 2 Pedro 1:5-7. A menos que indicado, todas as citações deste artigo são da Revised Standard Version, em inglês.
3. Atos 17:11.
4. Filipenses 1:9.
5. Colossenses 1:9-10.
6. Hebreus 5:11-13; 6:1.
7. 1 Coríntios 3:2.
8. *Counsels to Writers and Editors* (Nashville, Tenn.: Southern Publishing Association, 1946), pág. 33.

9. *Education* (Mountain View, Calif.: Pacific Press Publishing Association, 1903), págs. 107, 111.

10. Em um capítulo intitulado "What to do With Doubt," Ellen G. White encoraja as pessoas a procurarem evidências que apoiem sua fé. "Deus nunca pede que creiamos," afirma ela, "sem dar-nos suficientes evidências sobre as quais basear nossa fé. Sua existência, Seu caráter, a veracidade de Sua Palavra, são todos estabelecidos pelo testemunho que apela à nossa razão; e este testemunho é abundante" (*Steps to Christ* [Mountain View, Calif.: Pacific Press Publishing Association, sem data], pág. 105).

11. Isto não invalida a tarefa de formular tais provas, a despeito do que as pessoas possam pensar. (Ver, por exemplo, John Hick, *Introduction to the Existence of God*, John Hick, ed. [New York: Macmillan, 1964], pág. 5).

12. João 3:8.

*Graduado na University of Chicago Divinity School, Richard Rice leciona na La Sierra University. Este artigo foi adaptado do seu livro, Reason and the Contours of Faith.*

## Cartas...

☞ Continuação da página 4

1.5 milhões de pessoas que presenciaram a parada, é calculado que ao redor do mundo mais de um milhão de pessoas viram o espetáculo via televisão.

### Questões sobre a influência arminiana

Apreciei a leitura do artigo sobre John Wesley, por Russel L. Staples ("Sentí Meu Coração Rejubilár," *Diálogo*, Vol. 3, No. 3). Contudo não é geralmente aceito que nossa base teológica, como adventistas do sétimo dia, seja arminiana. Durante o período 1888-1896, A. T. Jones e E. J. Waggoner ensinaram que o sacrifício de Cristo tinha feito tudo por cada ser humano, independente de nossa iniciativa. Todos foram legalmente justificados em Cristo (veja E. J. Waggoner, *Signs of the Times*, 12 de Março de 1896; 16 de Janeiro de 1896). Esta posição era completamente diferente das idéias da teologia arminiana sobre a salvação, com sua ênfase em nossa aceitação do sacrifício de Cristo, antes que a justificação ocorra. Arnold Vallenkampf, em seu livro *What Every Christian Should Know About Justification*, claramente não ensina que o pensamento Arminiano seja bíblico.

Nancy J. Smolke  
Harpers Ferry, Iowa, E.U.A.

### Resposta do Autor:

*Diferenças entre as várias compreensões da justificação são complexas; e infelizmente, respostas diretas não são facilmente derivadas das Escrituras. As posições cruciais concernentes à justificação podem ser su-*

*mariadas da seguinte forma:*

A. *Justificação é: (1) a declaração de que os pecadores são justificados com base nos méritos externos de Cristo. (Esta visão forense da justificação é a clássica posição luterana). (2) Uma real transformação das pessoas, de um estado de pecaminosidade para o de justiça. (Esta é uma compreensão luterana posterior, a qual procura erguer-se acima do problema do antinomianismo e da graça irresponsável).*

Continua na página 24 ☞



Carro alegórico adventista no desfile "Rose Parade" de 1993.